

DAVID LOY



ECODARMA

ENSINAMENTOS BUDISTAS
PARA A URGÊNCIA ECOLÓGICA

DE
GUS
TA
ÇÃO

Amostra do Livro

Para adquirir este livro acesse
www.bambuaeditora.com.br/p/ecodarma

ESTE ARQUIVO É SOMENTE UMA

AMOSTRA DO LIVRO

para que você conheça um
pouco de seu conteúdo.

VOCÊ PODE ADQUIRIR O LIVRO NO
SITE DA BAMBUAL EDITORA

www.bambuaeditora.com.br/p/ecodarma

Mais informações:

conexao@bambuaeditora.com

+55 21 99648 0604 (whatsapp)

DAVID LOY

ECODARMA

ENSINAMENTOS BUDISTAS
PARA A URGÊNCIA ECOLÓGICA

Tradução

MONJA TCHOREN e JOSÉ EISHIN SENSEI

 **BAMBUAL**
editora

Copyright © 2018 David Loy

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer maneira sem permissão por escrito dos proprietários dos direitos autorais ou da editora, exceto para o uso de citações em resenhas de livros.

Coordenação Editorial
Isabel Valle

Tradução
Monja Tchoren e José Eishin Sensei

Capa
Luiza Chamma

A imagem da capa faz referência ao Buda Avalokiteshvara, com seus quatro braços.

ISBN 978-65-89138-16-7



www.bambualeditora.com.br
conexao@bambualeditora.com.br

Para Joanna Macy,
Bhikkhu Bodhi,
Guhyapati,
e todos os outros ecosatvas

Há uma notícia boa e uma notícia má. A má: a civilização, como a conhecemos, está prestes a findar. Agora a boa notícia: a civilização, como a conhecemos, está prestes a findar.

– SWAMI BEYONDANANDA

(também conhecido como Steve Bhaerman)

SUMÁRIO

Nota do autor	11
Prefácio do autor à edição brasileira	13
Prefácio à edição brasileira – Jorge Koho Mello	17
Introdução: Num precipício?	21
1 O problema é a mudança climática?	39
2 A crise ecológica é também uma crise budista?	65
3 O que estamos negligenciando?	97
4 Será o mesmo problema?	121
5 E se for tarde demais?	143
6 O que devemos fazer?	171
Posfácio: Uma espécie pródiga?	195

APÊNDICES

1 A hora de agir é agora:	
Uma Declaração Budista sobre a Mudança Climática	201
2 Dezesesseis Princípios Fundamentais do Darma para enfrentar a mudança climática	207
3 Caindo na real sobre a mudança climática	211
4 Os votos de ecosatva	215
5 O Rocky Mountain Ecodharma Center	217
Agradecimentos e créditos	219
Os tradutores	221

Nota do autor

Como os leitores de meus outros livros talvez saibam, gosto de citações. Um insight expresso de forma precisa e sucinta é algo a ser saboreado. Encorajo os leitores deste livro a dedicarem tempo à reflexão sobre as citações que precedem cada capítulo.

Prefácio do autor à edição brasileira

O coronavírus é uma revelação viva que está morrendo de vontade de nos mostrar quem somos e nosso lugar no universo. É crucialmente importante que saibamos que nos é revelado. Nossa própria sobrevivência depende de receber sua mensagem.

– Paul Levy

Desde que a versão original em inglês do Ecodharma foi publicada em 2019, o mundo mudou drasticamente - de maneiras que reforçam sua mensagem básica. Este livro começa enfatizando que a emergência climática, por mais urgente que seja, é apenas a ponta de uma crise ecológica muito maior – o desafio máximo que a humanidade já enfrentou. Tão grande, na verdade, que é difícil ignorar a implicação: nossa civilização agora global é autodestrutiva. Ela precisa ser fundamentalmente transformada.

No espaço de alguns meses no início de 2020, uma série de crises em cascata ampliou essa mensagem de várias maneiras. Uma pandemia viral mortal expôs governos incompetentes em todo o mundo, muitas vezes com sistemas de saúde inadequados (nos Estados Unidos, por exemplo, não temos um sistema nacional de saúde, apenas uma indústria de saúde fragmentada). Quarentenas e bloqueios paralisaram

grande parte da atividade econômica e expuseram o aumento do fosso entre pessoas ricas e pobres na maioria dos países. A recessão global pode ainda desencadear um colapso econômico mundial.

No Brasil, no momento em que este prefácio é escrito, mais de 610.000 pessoas morreram de Covid-19. Essa crise de saúde se soma às contínuas crises socioambientais decorrentes do ataque aos direitos territoriais dos povos indígenas, de comunidades tradicionais e dos camponeses. A degradação do meio ambiente continua piorando. No ano passado, a taxa de desmatamento da Amazônia foi 57% maior do que no ano anterior - a pior dos últimos dez anos, segundo o Instituto “Homem e Meio Ambiente da Amazônia” (Imazon).

Este é um momento extremamente difícil, mas também promissor. Apesar de toda a propaganda, o “velho normal” (agora desaparecido para sempre) nunca foi bom para a maioria das pessoas, e certamente não para a biosfera. Todos os problemas mencionados acima, inclusive a pandemia, estão profundamente enraizados; o que é novo é nossa crescente consciência deles. A pausa econômica, na verdade, teve pouco efeito nas emissões de carbono ou no ritmo de outras degradações ambientais, mas a resposta à Covid-19 nos ajuda a perceber que a mudança social pode acontecer muito rapidamente, quando percebida como necessária.

Esses exemplos destacam o desafio à nossa consciência coletiva. A ameaça ecológica, por si só, é cem ou mil vezes mais perigosa para a humanidade do que a pandemia, mas vamos acordar a tempo de “responder adequadamente” (como o koan Zen nos incentiva a fazer)?

Não há nada de acidental nesses surtos, como o do vírus Covid-19; eles são previsíveis. De acordo com Inger Andersen, diretora executiva do Programa Ambiental das Nações Unidas, tanto a pandemia de coronavírus e quanto a crise climática em curso são ambas mensagens da natureza: a humanidade está colocando pressões em demasia sobre o mundo natural, com consequências catastróficas. A natureza avisa que deixar de cuidar do planeta significa que não estamos cuidando de nós mesmos. Embora nossa prioridade imediata deva ser prevenir a propagação do coronavírus, “nossa resposta de longo prazo deve abordar a perda de habitat e biodiversidade. Nunca antes existiram tantas oportunidades para os patógenos passarem da natureza e dos animais

domésticos para pessoas. Nossa erosão contínua de espaços selvagens nos aproximou desconfortavelmente de animais e plantas hospedeiros de doenças que podem atingir os humanos”.

Andersen aponta que três quartos de todas as doenças infecciosas emergentes vêm de exposição à vida selvagem. Ebola, síndrome respiratória do Oriente Médio (Mers), síndrome respiratória aguda grave (Sars), vírus do Nilo Ocidental e vírus Zika, entre muitos outros, todos passaram de animais para humanos. A comunidade global tem sido relativamente afortunada em limitar o contágio, mas era apenas uma questão de tempo antes que algo como a pandemia de Covid-19 acontecesse, dada a erosão contínua de espaços selvagens a que se refere Andersen. Apesar disso, o problema básico é muito maior do que tais intrusões, como aponta Vandana Shiva:

Novas doenças estão sendo criadas devido a um modelo agrícola de alimentação globalizada, industrializada e ineficiente que está invadindo o habitat ecológico de outras espécies e manipulando animais e plantas sem respeitar sua integridade e sua saúde [...] A emergência sanitária para a qual o coronavírus está nos acordando está conectada à emergência de extinção e desaparecimento de espécies, e está ligada à emergência climática. Todas as emergências estão enraizadas em uma visão de mundo mecanicista, militarista, antropocêntrica, de humanos como separados e superiores a outros seres que podemos possuir, manipular e controlar. Também estão enraizadas em um modelo econômico baseado na ilusão de crescimento ilimitado e ganância ilimitada, que sistematicamente viola os limites planetários e a integridade do ecossistema e das espécies.

A pandemia de coronavírus revela o óbvio, que somos um - gostemos ou não. A emergência climática e a crise ecológica maior fazem o mesmo, mas aparentemente isso não foi dramático o suficiente para que prestemos atenção à lição. Quando os Estados Unidos queimam combustíveis fósseis, essas emissões de carbono não se restringem às fronteiras nacionais. Quando o Japão lança resíduos nucleares no oceano, essas toxinas não permanecem nas águas territoriais japonesas. Isso expõe um problema básico com a coleção mundial de mais de duzentos

pequenos deuses (nações-estado), cada um responsável por nada além de si mesmo, embora cercado por seus vizinhos. Desafiando as agendas sectárias que prevalecem hoje, a eco-crise, como a pandemia, revela que nossos destinos estão inexoravelmente ligados.

Mas a Covid-19 nos lembra que somos todos um de outra forma ainda mais básica: organicamente nossos corpos e a terra são um só corpo. Cada um de nós faz parte de um grande sistema holístico que circula através de nós. Além disso, os biólogos nos dizem que existem mais micróbios em nosso corpos - bactérias e vírus - do que o número de nossas próprias células, e que a maioria deles são não apenas benéficos, mas essenciais para nossa saúde.

É hora de percebermos as implicações maiores. A fonte essencial da pandemia é a mesma que este livro identifica como a fonte essencial da crise ecológica: nosso senso individual e coletivo de separação da terra. A menos que encontremos maneiras de abordar essa delusão, não devemos esperar nenhum futuro no qual seremos felizes.

Fomos avisados.

DAVID LOY

Outubro, 2021

Boulder, Colorado

Prefácio à edição brasileira

Em um misto de alegria e honra, recebi o convite de colaborar com o prefácio à edição brasileira deste livro. Pela sabedoria compassiva do autor e pela lucidez e importância histórica da obra, sinto que temos o mérito de receber a síntese de uma visão gerada e nutrida pela prática sincera de décadas, aliada ao trabalho de uma mente lúcida que tem a generosidade de nos oferecer um panorama realista de nossa situação como espécie e o potencial de nossas escolhas conscientes como praticantes do Caminho.

A análise bem fundamentada da crise planetária serve como passo inicial para qualquer pessoa – seja ou não praticante budista – perceber a urgência de conscientização sobre a urgência de reposicionamento individual e coletivo. Ao traçar as relações entre as crises que nos desafiam e os aspectos de tecnologia, crescimento populacional e sistema econômico dominante, David Loy nos instiga a olhar em profundidade o desafio subjacente característico de nosso momento civilizatório, o de supervalorizar os meios econômicos e tecnológicos, colocando-os acima dos fins a que originalmente deviam servir – o bem-estar da humanidade e de toda a biodiversidade que a sustenta.

Com habilidade, o autor traça o vínculo entre nossos dilemas pessoais e coletivos, entre a crise ecológica e as injustiças sociais, e define com clareza como e porque a ecocrise representa um desafio também de natureza espiritual, o que terá efeitos imediatos na possibilidade de

vermos o acolhimento desses desafios como oportunidade de clarificar a compreensão dos ensinamentos, e de manifestar no cotidiano nossas aspirações, de praticar com coerência e integridade.

Na minha opinião, um dos aspectos mais notáveis da maestria de David Loy reside na sua capacidade de explicar conceitos fundamentais dos ensinamentos tradicionais budistas e relacioná-los de forma acessível e direta às nossas realidades como seres humanos engajados na sociedade. Dessa forma, surge uma ponte entre os conceitos e nossas ações viáveis e responsáveis, necessárias e adequadas ao contexto no qual nos relacionamos.

Ao lermos sobre temas budistas como a delusão inicial de uma substancialidade do eu, a Unidade de toda a Vida, e o valor de diretrizes básicas na Prática, como os Preceitos éticos, as Moradas Divinas e as Paramitas (“perfeições mais elevadas”), vemos surgir uma transição natural da noção de uma possível culpa, que pode nos desestimular e desorientar, para um senso de responsabilidade sistêmica, o qual nos chama à ação imediata, sem apego aos resultados e com plena atenção a fazer o que é possível, onde estamos, com os recursos de que dispomos.

Essa possibilidade de ativismo espiritual inspira-se em uma atitude de não-saber e instrumenta-se na aplicação dos meios hábeis para cada momento, com o uso de todos os ingredientes de que já dispomos, aqui e agora. Neste sentido, como a finalidade de nossas ações deixa de ser um resultado previamente definido, nosso destino passa a ser o ato de caminhar. E aqui a palavra “destino” refere-se tanto a uma possível meta quanto ao fato de que é inevitável que manifestemos nossa Natureza última, à medida que nossas ilusões e delusões se desvanecem.

Na origem do ato de caminhar, vejo um desequilíbrio que nos leva ao movimento que evitará a queda. Sinto que nossas professoras e professores, compassiva e generosamente, compartilham seus ensinamentos sobre a elegância que podemos desenvolver ao acolher os desequilíbrios, e assim aprender e nos colocar em movimento. O portal é oferecido; o que nos cabe é dar os passos necessários e ir além.

Como síntese das reflexões e questionamentos dessa obra, chegamos ao Caminho de Bodisatva, o qual é exposto com referências esclarecedoras. Ao ir além da forma habitual, David Loy nos convida a

explorar o potencial do equilíbrio possível entre o caminho individual de prática e a manifestação da mesma prática através do engajamento social, a inquestionável relação entre transformação pessoal e coletiva.

Essa possibilidade é aqui expressa na figura do Ecosatva, que sintetiza a manifestação contemporânea da mente iluminada, ao propor o questionamento radical de como seria possível uma interdependência unilateral, isto é, como eu poderia realizar a natureza-Buda sem a companhia de todos os seres, caminhando comigo, de mãos dadas em contentamento pela liberação das causas e condições de nossos sofrimentos. Nesse sentido, o autor nos oferece exemplos e referências atuais, com destaque para a importância de reintegrarmos o ambiente natural às nossas práticas espirituais, como uma fonte inestimável de inspiração e restauração.

Para finalizar, compartilho aqui meu encantamento com o fato de que, ao longo do texto, muitas vezes refleti sobre algumas belas palavras ligadas à prática budista: aspiração, motivação, meditação. Com elas, aprendi que podemos considerar que a prática pode começar de várias formas, mas ela se conclui e realiza com “ação”. Mas é apenas minha opinião... Parafraçando o autor, para mim o que importa, no momento, é que o convite está feito. Vamos: em comunidade será mais fácil redescobrirmos nossa unidade comum, a Unidade de toda a Vida.

Que tenhamos uma boa caminhada e possamos apreciar nossas vidas.

JORGE KOHO MELLO

Suíça, outono de 2021

Introdução

Num precipício?

Não há nenhum exagero em dizer que hoje a humanidade enfrenta o maior desafio de todos os tempos: além de crises sociais crescentes, uma catástrofe ecológica autoimposta ameaça a civilização como a conhecemos e talvez, segundo alguns cientistas, até nossa sobrevivência como espécie. Hesito em descrever isso como *apocalipse*, pois o termo está agora associado ao milenarismo cristão, mas seu significado original certamente se aplica: literalmente, um *apocalipse* é “um descobrimento”, a revelação de algo oculto – mostrando neste caso as consequências sinistras do que temos feito à terra e a nós mesmos.

Os ensinamentos budistas tradicionais nos ajudam a despertar individualmente e realizar nossa interdependência com os outros. Agora também precisamos considerar como o budismo pode nos ajudar a despertar e enfrentar esse novo dilema. E como a crise ecológica afeta nosso modo de entender e praticar o budismo? São esses os temas que este livro explora.

O primeiro capítulo, “A mudança climática é o problema?”, oferece uma visão geral da nossa atual situação. Embora a urgência avassaladora da mudança climática requeira toda nossa atenção e nosso melhor esforço, ainda assim precisamos perceber que de fato ela não é a questão fundamental que nos confronta hoje. Isso porque “aquecimento global” é apenas parte de uma crise ambiental e social muito maior, que nos obriga a refletir sobre valores e direcionamento de nossa civilização agora global. É necessário enfatizar isso, pois muita gente presume que, se conseguirmos converter rapidamente para fontes renováveis de

energia, nossa economia e sociedade podem continuar a funcionar indefinidamente da mesma maneira. Precisamos perceber que a mudança climática é apenas a proverbial ponta do iceberg, sintoma mais urgente de uma situação difícil que tem implicações mais profundas.

O capítulo examina isso ao observar o que está acontecendo com os oceanos, a agricultura, os aquíferos de água doce, os poluentes orgânicos persistentes (POPs), acidentes nucleares, lixo radioativo, população global e – algo preocupante especialmente de uma perspectiva budista – o fato de já estarmos no sexto grande evento de extinção do planeta, no qual uma grande porcentagem das espécies vegetais e animais da Terra estão rapidamente desaparecendo. Esse resumo só pode oferecer um instantâneo: as mudanças estão acontecendo tão rapidamente que muito do que escrevo provavelmente estará desatualizado no momento em que este livro for publicado. Você pode adicionar seu problema “favorito” a essa ladainha (o colapso das colônias de abelhas, alguém?), mas outra dimensão precisa ser enfatizada: a “intersecção” desses problemas ambientais com questões de justiça social como racismo, etnia, gênero, neocolonialismo e classe. Recentemente tem ficado claro que os problemas ecológicos mencionados acima e as estruturas hierárquicas e iníquas da maioria das sociedades humanas não são questões separadas. Em 2016, o movimento de resistência de Standing Rock, em Dakota do Norte, reunindo nativos norte-americanos “protetores da água” com grupos não indígenas, como o de veteranos de guerra, foi um evento marcante na consolidação desses movimentos. Nos últimos anos o budismo americano começou a abordar essas preocupações, inclusive a falta de diversidade dentro de nossas próprias sangas. Essa conversa vem sendo liderada por um número crescente de professores da maioria global¹ – entre eles Mushim Ikeda, Zenju Earthlyn Manuel,

1 O termo “pessoas da maioria global” é usado quatro vezes neste livro para traduzir a expressão *people of color*, ou “pessoas de cor”. Maioria global é um nome coletivo para os que pertencem à maioria dos seres humanos no planeta Terra. Refere-se a pessoas negras, indígenas, todos os povos asiáticos e todas as miscigenações racialmente rotuladas como “minorias étnicas”. Esses grupos representam atualmente cerca de 80% da população do mundo, constituindo portanto maioria global. (Nota dos tradutores.)

Rod Owens e Angel Kyodo Williams – que discutem as questões sociais relevantes muito melhor do que posso fazer neste livro.

Em resposta aos desafios ecológicos, muitos ensinamentos budistas podem ser citados, mas este primeiro capítulo concentra-se numa questão recorrente em capítulos posteriores: o problema de meios e fins. A extraordinária ironia é que nos tornamos totalmente obcecados em explorar e abusar o nosso verdadeiro tesouro – uma biosfera florescente com florestas saudáveis e solo fértil, lagos e oceanos cheios de vida marinha e uma atmosfera não poluída – a fim de maximizar algo sem nenhum valor intrínseco, representado por números digitais em contas bancárias. Já que todas as economias do mundo são dependentes integrais da biosfera da Terra, nossa busca de produção e consumo cada vez maiores está perturbando agora os ecossistemas de nosso planeta.

Outro fator importante não deve ser esquecido: abusamos tanto da Terra porque nossa visão de mundo predominante sobre a natureza racionaliza esse abuso. É o nosso (mal)entendimento coletivo do que o mundo é, e de quem somos, que incentiva a obsessão com crescimento econômico e consumo. O momento e o lugar em que a crise ecológica se desenvolveu não foram obras do acaso. A maioria dos problemas discutidos neste capítulo está ligada a uma questionável visão de mundo mecanicista, que explora sem tréguas o mundo natural por não atribuir nenhum valor inerente à natureza e tampouco, aliás, aos humanos, na medida em que também somos vistos como nada mais do que máquinas complexas. Logo, subentende-se que a crise ecológica é algo mais do que um problema tecnológico, um problema econômico, ou um problema político. É também uma crise espiritual coletiva e um potencial momento de virada em nossa história.

Isso nos leva ao tema do capítulo 2: “A crise ecológica é também uma crise budista?”. Os desafios ambientais e sociais enfrentados agora vão muito além do sofrimento individual que convencionalmente preocupa o budismo, logo não surpreende que os praticantes e as instituições budistas tenham demorado a se envolver com essas questões. O lado positivo é o claro potencial do budismo para fazer isso. Desde

o começo, seus ensinamentos básicos enfatizaram a impermanência e a insubstancialidade, e isso se aplica a ele próprio. O budismo não é apenas o que o Buda disse, mas o que ele iniciou, e o que ele iniciou espalhou-se rapidamente muito além de sua terra natal, interagindo com outras culturas. O chan/zen budismo, por exemplo, floresceu na China graças à fertilização cruzada entre o budismo mahayana e o taoísmo autóctone. Hoje, no entanto, as tradições budistas asiáticas enfrentam o maior desafio de todos os tempos, à medida que se infiltram num mundo pós-moderno hipertecnologizado, secular, globalizado, que pode ser autodestrutivo.

Do lado negativo, alguns ensinamentos budistas tradicionais desencorajam nosso envolvimento social e ecológico. Se o objetivo espiritual é uma salvação individual que envolve não renascer neste mundo de sofrimento, desejo e ilusão, por que deveríamos estar tão preocupados com o que está acontecendo aqui? Em contraste com tal orientação *de outro mundo*, no entanto, muitos budistas contemporâneos colocam em dúvida a existência de qualquer realidade transcendente, sendo céticos quanto ao carma como lei ética de causa e efeito embutida na forma em que o universo funciona. Eles entendem o caminho budista mais psicologicamente, como uma terapia que oferece novas perspectivas sobre o sofrimento mental e novas práticas para promover o bem-estar *deste mundo*. O budismo de outro mundo (que visa escapar deste mundo) e o budismo deste mundo (que nos ajuda a harmonizar melhor com ele) parecem polos opostos, mas geralmente compartilham uma indiferença aos problemas deste mundo. Nenhum dos dois está muito preocupado em ajudá-lo a se tornar um lugar melhor.

Existe outra maneira de entender o ensinamento essencial do budismo. Em vez de tentar transcender este mundo, ou se encaixar melhor nele, podemos despertar e vivenciar o mundo, inclusive nós mesmos, de maneira diferente. Isso envolve desconstruir e reconstruir o sentido do eu, ou (mais precisamente) a relação entre o eu e o mundo. A meditação desconstrói o eu, pois “largamos” os padrões habituais de pensamento, sentimento e ação que o compõem. Ao mesmo tempo, nosso senso de identidade é reconstruído na vida diária, pela transformação dos padrões habituais mais importantes: nossas motivações, que afetam não apenas como nos relacionamos com outras pessoas, mas

como as percebemos, a elas e ao mundo em geral, efetivamente. No capítulo 2, essa perspectiva alternativa é explorada pelo destrinchar de um aforismo enigmático de Chogyam Trungpa: “A iluminação é como cair de um avião. A má notícia é que não há paraquedas. A boa notícia é que não há chão”.

Quando começamos a acordar e entender que não estamos separados uns dos outros, nem desta Terra maravilhosa, percebemos que as maneiras como vivemos juntos e nos relacionamos com a terra também precisam ser reconstruídas. Isso significa não apenas engajarmo-nos socialmente, como indivíduos ajudando outros indivíduos, mas encontrar meios de abordar as problemáticas estruturas econômica e política que estão profundamente implicadas na eco-crise e nas questões de justiça social que enfrentamos hoje. Em última análise, os caminhos de transformação pessoal e social não são realmente separados um do outro. O engajamento no mundo é como nosso despertar individual floresce, e práticas contemplativas como a meditação fundamentam nosso ativismo, transformando-o em um caminho espiritual.

A resposta budista ao nosso dilema ecológico é o *ecodarma*, novo termo para um novo desenvolvimento da tradição budista. Ele combina preocupações ecológicas (*eco*) com os ensinamentos do budismo e de tradições espirituais relacionadas (*darma*). O real significado disso e a diferença produzida na forma como vivemos e praticamos ainda estão se desenrolando e, por isso, este livro enfatiza os três componentes ou aspectos que se destacam para mim: praticar no mundo natural, explorar as implicações ecológicas dos ensinamentos budistas e incorporar esse entendimento no ativismo ecológico necessário hoje.

A importância de meditar na natureza é frequentemente subestimada porque suas implicações são negligenciadas. O capítulo 3, “O que estamos negligenciando?”, indaga por que fundadores religiosos, com tanta frequência, vivenciam sua transformação espiritual deixando a sociedade humana por um lugar inabitado. Após seu batismo, Jesus foi para o deserto onde jejuou sozinho por quarenta dias e noites. As revelações de Maomé ocorreram quando ele se retirou para a caverna onde foi visitado pelo arcanjo Gabriel. O melhor exemplo, no entanto,

talvez seja o do próprio Buda Gautama. Depois de abandonar o lar, ele viveu na floresta, meditou na natureza e despertou sob uma árvore perto de um rio. Quando Mara questionou sua iluminação, o Buda nada disse, mas tocou a terra como testemunha de sua realização. Depois disso, viveu e ensinou principalmente no mundo natural – e também morreu ao ar livre, sob as árvores.

Hoje, em contraste, a maioria de nós medita dentro de edifícios com tela nas janelas, isolada de insetos, sol quente e ventos gelados. Há muitas vantagens nisso, é claro, mas será que algo significativo não se perde também? Quando desaceleramos e redescobrimos nossa conexão primordial com a natureza, torna-se mais evidente que o mundo não é uma coleção de coisas separadas, mas uma confluência de processos naturais que nos incluem. Embora muitas vezes vejamos a natureza de maneira utilitária, o mundo natural é uma comunidade interdependente de seres vivos que nos convida a um tipo diferente de relacionamento.

A implicação é que nos retirar para o mundo natural, especialmente sozinhos, pode interromper nossas maneiras usuais de ver, abrindo-nos para uma alternativa. O mundo, como normalmente o vivenciamos, é um construto social e psicológico estruturado por nossas maneiras de usar a linguagem para agarrar objetos. Nomes não são apenas rótulos, eles identificam as coisas de acordo com suas funções; e assim percebemos nosso entorno geralmente como uma coleção de utensílios a serem usados para atingir nossos objetivos (satisfazer desejos, por exemplo). Ao fazer isso, no entanto, negligenciamos constantemente algo importante sobre o mundo, como William Blake sabia:

Se as portas da percepção fossem limpas, tudo
apareceria ao humano como é, infinito.
Pois o humano se fechou a ponto de ver todas as coisas
pelas fendas estreitas de sua caverna.

Apegarmo-nos a conceitos, funções e cobiça é o modo de nos fechar. Em ambientes urbanos principalmente, quase tudo que percebemos é utensílio, inclusive a maioria das pessoas, a quem tratamos de maneira utilitária segundo sua função: o motorista de ônibus, o balconista e assim por diante. Em outras palavras, relacionamo-nos com

quase tudo e todos como *meio* de obter ou alcançar algo. Cercados por tantas outras pessoas ocupadas em fazer a mesma coisa, fica difícil largar essa forma de relacionamento com o mundo e vivenciá-lo de maneira nova.

Isso tem implicações coletivas e institucionais. As tecnologias estendem nossas faculdades humanas, inclusive nossas habilidades para instrumentalizar o mundo natural. Como escreve o filósofo Michael Zimmerman: “O mesmo dualismo que reduz as coisas a objetos para a consciência está ativo no humanismo que reduz a natureza a matéria-prima para a espécie humana”. Isso levanta questões cada vez mais importantes sobre o conceito de propriedade, construto social que deve ser reconsiderado e reconstruído à luz de nossa situação atual. Se uma visão instrumentalista do mundo natural está no cerne de nosso dilema ecológico, talvez o “movimento de libertação” mais necessário hoje seja considerar que o planeta e sua magnífica teia de vida são muito mais do que apenas um recurso para o benefício de uma espécie.

Muitos ensinamentos budistas têm aplicações ecológicas óbvias. Uma vida preocupada com o consumismo é incompatível com o caminho budista. Os cinco preceitos básicos começam com a promessa de não matar ou prejudicar a vida – não apenas humana, mas de todos os seres sencientes. O princípio mais fundamental da ecologia – a interdependência dos seres vivos e sistemas – é um subconjunto do princípio mais fundamental da filosofia budista, de que nada tem “auto-existência” porque tudo depende de outras coisas. O capítulo 4, “É o mesmo problema?”, enfoca algo menos óbvio: os profundos paralelos entre nosso perene dilema pessoal, segundo os ensinamentos budistas tradicionais, e nosso dilema ecológico hoje. Comentei acima que a eco-crise é tanto um desafio espiritual quanto tecnológico e econômico; esmiuçar as semelhanças entre nossos dilemas individuais e coletivos ajuda a concretizar essa afirmação.

Já que nosso senso comum do eu é um construto, ele não responde a algo substancial e é, por isso, inerentemente ansioso e inseguro: porque nada pode se tornar seguro. Em geral, o eu experimenta essa ausência de chão como uma *falta*: a sensação de que há algo errado co-

migo, um desconforto básico muitas vezes vivenciado em certo sentido como *não sou bom o suficiente*. Infelizmente, com frequência compreendemos mal nossa inquietação e tentamos obter segurança na identificação com coisas “fora” de nós, que podem (pensamos) fornecer a base desejada: dinheiro, bens materiais, reputação, poder, beleza física e assim por diante. Como nenhuma delas pode realmente dar base ou segurança a nosso eu, não importa quanto dinheiro (e tudo mais) acumulamos, nunca parece suficiente.

A solução budista para esse dilema não é livrar-se do eu, pois não existe tal coisa para ser descartada. Como foi mencionado, o *sentido* do eu precisa ser desconstruído (“esquecido” na meditação) e reconstruído (substituindo os “três venenos” da ganância, hostilidade e delusão pela generosidade, a bondade amorosa e a sabedoria que reconhece nossa interdependência). É assim que podemos ver através da ilusão de separação. Se eu não sou algo “dentro” (atrás dos olhos ou entre as orelhas), então não há um “fora” lá fora.

Curiosamente, esse relato budista de nossa situação individual corresponde precisamente à nossa situação ecológica hoje. Não só temos sentidos individuais de eu, também temos eus grupais; e “eu separado = dukkha sofrimento” também se aplica ao nosso sentido coletivo maior de eu: a dualidade entre nós como espécie, *Homo sapiens sapiens*, e o resto da biosfera. Assim como o sentido pessoal do eu, a civilização humana é um construto, envolvendo um senso coletivo de alienação do mundo natural que cria ansiedade e confusão sobre o que significa ser humano. Nossa principal resposta a essa ansiedade – a tentativa coletiva de nos dar segurança com crescimento econômico e desenvolvimento tecnológico (“progresso”) – está realmente piorando as coisas, pois reforça nossa desconexão com a Terra. Da mesma maneira que não há um eu do qual se livrar, não podemos “retornar à natureza” porque nunca fomos separados dela, mas podemos perceber nossa não dualidade com ela e começar a viver em conformidade com essa compreensão.

Mas que transformação coletiva pode corresponder ao despertar pessoal que o budismo sempre promoveu? “O Buda atingiu o despertar individual; agora precisamos de uma iluminação coletiva para estancar o curso da destruição” – Thich Nhat Hanh. Será que a ideia de tal

transformação social não é apenas uma fantasia, dada a realidade econômica e política – ou isso já está acontecendo debaixo de nosso nariz?

Em seu livro *Blessed Unrest: How the Largest Movement in the World Came into Being, and Why No One Saw It Coming* (Bendita Revolta: como o maior movimento do mundo veio a surgir, e por que ninguém o viu chegar), Paul Hawken documenta o que pode ser tal despertar coletivo. Esse “movimento de movimentos” é uma rede mundial de organizações socialmente engajadas que surgiu em resposta às crises globais que nos ameaçam hoje. Ele é não apenas o maior que já existiu – pelo menos dois milhões de organizações, talvez muitas mais – mas também o de crescimento mais rápido. Segundo Hawken, “é a primeira vez na história que um movimento de tal escala e amplitude surge em cada país, cidade e cultura do mundo, sem nenhum líder, livro de regras ou sede central. (...) Ele é vasto, e as questões amplamente definidas como justiça social e meio ambiente não são separadas, em absoluto”.

Hawken vê esse movimento como a “resposta imunológica” da humanidade, que parece surgir de forma espontânea para nos proteger, a nós e ao planeta, das forças que estão devastando nosso mundo. As organizações que o compõem são “anticorpos sociais agarrando-se às patologias de poder”. Como praticante Zen, Hawken vê o budismo como parte crescente desse movimento: “O budismo enquanto instituição se tornará muito mais engajado nas questões sociais, porque não consigo ver um futuro em que as condições não piorem para todos nós. (...) Dukkha, sofrimento, sempre foi o cadinho de transformação para aqueles que praticam”. Budismo não é evitar o sofrimento, mas ser transformado por ele, o que significa que pode haver muitas transformações em nosso futuro.

No entanto, os sistemas imunológicos às vezes falham, e “esse movimento certamente poderia falhar também”. Doenças como o vírus da imunodeficiência humana (HIV) matam seu hospedeiro, destruindo o sistema imunológico do corpo. Isso sugere paralelos menos esperançosos, o que nos leva ao próximo capítulo.

O título do capítulo 5 é “E se for tarde demais?”. James Lovelock, um dos cientistas que propôs pela primeira vez a hipótese de Gaia,² alertou em 2009 que a humanidade pode acabar reduzida a pequenos grupos vivendo perto dos polos. Ele também acredita que as tentativas de enfrentar as mudanças climáticas não serão capazes de resolver o problema, mas apenas de nos dar algum tempo. Escrevendo alguns anos mais tarde, Fred Guterl em *The Fate of the Species* (O destino das espécies) e Clive Hamilton em *Requiem for a Species* (Réquiem para uma espécie) são ainda mais pessimistas ao argumentarem que a extinção humana é um perigo muito real. Isso porque, como o biólogo de Stanford Paul Ehrlich coloca sem rodeios, “ao levar outras espécies à extinção, a humanidade está ocupada em serrar o galho onde se empoleira”. Será que tais previsões são fantasias para nos assustar e fazer agir? Não, elas não são. Fantasia é a crença generalizada de que o tipo de economia de crescimento industrial ainda promovido pelo governo de toda nação (sobre)desenvolvida pode continuar indefinidamente sem destruir a biosfera. A ameaça imediata ao clima não são apenas as emissões de carbono, mas os “pontos de inflexão”, como a liberação de bilhões de toneladas de gás metano, enterradas debaixo do permafrost que agora está derretendo.

Alguns professores contemporâneos começaram a abordar essas preocupações existenciais. Joanna Macy, em “Work That Reconnects” (Trabalho Que Reconecta), enfatiza que nossa dor pelo que está acontecendo com a Terra não é o colapso final de nossas aspirações por ela, mas uma necessidade para aqueles que aspiram a seguir o caminho do engajamento espiritual. Seu livro de 2012, *Esperança Ativa* (Bambual Editora, 2020), integra o luto numa espiral transformadora que começa com *partindo da gratidão*, que nos permite *honrar nossa dor pelo mundo*, levando-nos a *ver com novos olhos*, e só então *seguir adiante* para participar do que ela chama de A Grande Virada. Precisamos sentir mais profundamente para sermos mais profundamente transformados.

2 A hipótese de Gaia foi proposta na década de 1970 por Lynn Margulis e James Lovelock. (Nota da Editora.)

A resposta de Thich Nhat Hanh à possibilidade de nossa própria extinção encoraja-nos a “tocar a eternidade com nossa respiração”, pois nessa eternidade não há nascimento e não há morte. Esse é um ensinamento budista básico, tornado ainda mais importante quando se considera não apenas nossa mortalidade individual, mas a da nossa espécie. Muitas religiões abordam o medo da morte postulando uma alma que não perece com o corpo. A negação budista de uma alma ou de um eu (*anatta*) não permite esse tipo de imortalidade. Em vez disso, você e eu não podemos morrer porque nunca nascemos. Como afirma o Sutra do Diamante, quando incontáveis seres foram conduzidos ao nirvana, na verdade nenhum ser foi conduzido ao nirvana. Dogen, grande mestre zen japonês do século XIII, expressa melhor esse paradoxo: “Simplesmente entenda que nascimento-morte é em si mesmo nirvana. Não há nada como nascimento-morte a ser evitado; não há nada como nirvana a ser buscado. Só quando percebe isso você fica livre de nascimento e morte”.

Embora tais ensinamentos tradicionalmente se concentrem em nossa situação individual, têm implicações importantes para o modo como nos relacionamos coletivamente à crise ecológica. Não é apenas que você e eu sejamos não-nascidos, pois tudo é não-nascido, inclusive toda espécie que já evoluiu e todos os ecossistemas da biosfera. Dessa perspectiva, nada se perde se as espécies, inclusive a nossa, são extintas; e nada se ganha quando nossa espécie sobrevive e prospera.

No entanto, essa não é uma perspectiva única. A formulação vigorosa do Sutra do Coração nos vem à mente: forma não é mais que vazio, vazio não é mais que forma. Sim, do ponto de vista de *shunyata* (vazio) não há melhor ou pior, mas isso não nega o fato de que *vazio é forma*. O que chamamos de vazio – o potencial ilimitado que pode assumir qualquer forma, de acordo com as condições – assumiu a forma desta teia de vida assombrosa e incrivelmente bela, que nos inclui e que deve ser apreciada e protegida. Como o Sutra do Coração também diz, “não há velhice e morte e não há fim para velhice e morte”. O caminho espiritual é viver esse paradoxo.

O capítulo 6, “O que devemos fazer?”, considera o que isso realmente significa para nossa reação à crise ecológica. A resposta curta é que os ensinamentos budistas não nos dizem o *que* fazer, mas dizem muito sobre *como* fazer. Claro que gostaríamos de conselhos mais específicos, mas isso é irrealista, dadas as condições históricas e culturais muito diferentes nas quais o budismo se desenvolveu. O dukkha coletivo causado por uma crise ecológica jamais foi abordado porque esse problema específico nunca se apresentou.

Isso não significa que “vale tudo”, de uma perspectiva budista. Nossos fins, por mais nobres que sejam, não justificam nenhum meio, porque o budismo desafia a distinção entre eles. Sua principal contribuição ao nosso compromisso social e ecológico são as diretrizes para ação hábil que as tradições Theravada e Mahayana oferecem. Embora essas diretrizes, de modo geral, tenham sido compreendidas em termos individuais, a sabedoria que incorporam é prontamente aplicável aos tipos mais coletivos de prática engajada e transformação social necessários hoje. Os cinco preceitos do budismo Theravada (e a versão engajada deles elaborada por Thich Nhat Hanh) e as quatro “moradas espirituais” (*brahmaviharas*) são altamente relevantes. A tradição Mahayana acentua o caminho do bodisatva, incluindo as seis “perfeições” (generosidade, disciplina, paciência, diligência, meditação e sabedoria). Talvez o mais importante de tudo seja a prática de agir sem apego aos resultados, enfatizada pelo budismo Mahayana. Juntas, essas diretrizes nos orientam quando entramos no *caminho do ecosatva*.

O engajamento social continua sendo um desafio para muitos budistas, pois os ensinamentos tradicionais enfocaram a paz de espírito do praticante. Por outro lado, quem está comprometido com a ação social experimenta muitas vezes fadiga, raiva, depressão e esgotamento. O caminho do bodisatva/ecosatva engajado fornece o que cada lado precisa, porque envolve uma prática dupla, interna (por exemplo, meditação) e externa (ativismo). Combinar os dois lados permite um envolvimento intenso com menos frustração. Esse ativismo também ajuda os meditadores a evitar a armadilha de se preocupar com seu próprio estado mental e progresso em direção à iluminação. Na medida em que o senso de um eu separado é o problema básico, o compromisso compassivo para o bem-estar de outros, incluindo outras espécies, é parte

importante da solução. O engajamento com os problemas do mundo não é, portanto, uma distração de nossa prática espiritual pessoal, mas pode se tornar parte essencial dela.

O insight e a equanimidade cultivados pelos eco-bodisatvas fundamentam aquilo que mais distingue o ativismo budista: agir sem apego aos resultados da ação, algo que é facilmente mal interpretado para sugerir uma atitude casual. Ao contrário, nossa tarefa é fazer o melhor que pudermos, sem saber quais serão as consequências – na verdade, sem saber se nossos esforços farão alguma diferença. Não sabemos se o que fazemos é importante, mas sabemos que é importante fazê-lo. Será que já ultrapassamos os pontos de inflexão ecológicos e a civilização como a conhecemos está condenada? Não sabemos e tudo bem. Esperamos, é claro, que nossos esforços frutifiquem, mas eles são, afinal de contas, nosso presente de coração aberto para a Terra.

Parece-me que, se os budistas contemporâneos não podem ou não querem fazer isso, então o budismo não é o que o mundo precisa agora – mas este livro tenta mostrar o quanto o budismo pode nos ajudar a compreender e dar uma resposta ao maior desafio que a humanidade já enfrentou. E ele também explora o que isso pode significar para o budismo hoje.

Tudo está queimando.

– O BUDA

Entramos no território desconhecido de uma emergência global, onde o *business as usual* (“os negócios como de costume”) não pode continuar. Devemos tomar a iniciativa de reparar e proteger este mundo, garantindo um futuro de clima seguro para todas as pessoas e todas as espécies.

– TENZIN GYATSO, O DÉCIMO QUARTO DALAI LAMA

Minha geração fez o que nenhuma geração anterior pôde fazer, porque elas não tinham o poder tecnológico, e o que nenhuma futura geração poderá fazer, porque o planeta nunca mais será tão bonito ou abundante.

– THOMAS BERRY

Se as mudanças globais causadas por HIPPO (destruição de habitat, espécies invasivas, poluição, superpopulação e superprodução, nessa ordem de importância) não forem abatidas, metade das espécies de plantas e animais poderá ser extinta ou pelo menos estar entre os “mortos-vivos” – prestes a ser extinta – no final do século. Estamos transformando desnecessariamente o ouro que herdamos de nossos antepassados em palha, e por isso seremos desprezados por nossos descendentes.

– E. O. WILSON

A noção de que a ciência nos salvará é a quimera que permite à geração atual consumir todos os recursos que deseja, como se nenhuma geração a sucedesse. É o sedativo que permite à civilização marchar firmemente em direção à catástrofe ambiental. Ela impede a solução real, que estará no trabalho árduo e não técnico de mudar o comportamento humano.

– KENNETH BROWER

Talvez a maneira como respondemos à crise faça parte da crise.

– BAYO AKOMOLAFE

A verdade é que o consumismo verde praticamente não fez diferença e transfere a responsabilidade dos grandes poluidores e governos, que precisam apresentar as políticas, para os ombros dos indivíduos. Indivíduos como cidadãos, ou seja, atores políticos, podem ser muito eficazes porque apenas por meio de mudanças políticas obrigatórias de longo alcance obteremos alguma coisa parecida com a resposta que precisamos.

– CLIVE HAMILTON

Quais valores fundamentam nosso compromisso, com a ideia de que o aquecimento global será resolvido, se pudermos reduzir o dióxido de carbono atmosférico para 350 ppm? O ambientalismo trata de fazer acordos em um abismo moral. A vantagem disso é que, por suas concessões terem tomado o lugar de seus valores, ele pode às vezes declarar vitória e dar as costas ao desastre.

– CURTIS WHITE

Somos uma civilização Star Wars. Temos emoções da Idade da Pedra. Temos instituições medievais, principalmente as igrejas, e tecnologia divina. E essa tecnologia divina está nos arrastando, para avançar de maneiras totalmente imprevisíveis.

– E. O. WILSON

Você não pode barganhar com a Mãe Natureza.

– MOHAMED NASHEED

A mudança climática é o maior fracasso de mercado que o mundo já viu.

– NICHOLAS STERN

Os colapsos econômicos e ecológicos têm a mesma causa: o mercado livre não regulamentado e as ideias de que a ganância é boa e o mundo natural é um recurso para enriquecimento privado de curto prazo. Os resultados foram ativos tóxicos e uma atmosfera tóxica letal.

– GEORGE LAKOFF

A imaturidade fundamental da espécie humana, neste momento na história, é que nossos sistemas de governança e economia não apenas permitem, mas na verdade encorajam, subconjuntos do todo (indivíduos e corporações) a se beneficiarem em detrimento do todo.

– MICHAEL DOWD

Se a natureza fosse um banco, eles já a teriam resgatado.

– EDUARDO GALEANO

Uma atitude em relação à vida que procura satisfação na busca obstinada de riqueza – em suma, o materialismo – não se encaixa neste mundo porque não contém em si nenhum princípio limitante, enquanto o ambiente em que está colocada é estritamente limitado.

– E. F. SCHUMACHER

Fundamentalmente, a tarefa é articular não apenas um conjunto alternativo de projetos políticos, mas uma visão de mundo alternativa para rivalizar com a que está no cerne da crise ecológica: uma visão enraizada na interdependência mais do que hiperindividualismo, reciprocidade em vez de dominância, e cooperação em vez de hierarquia.

– NAOMI KLEIN

É horrível termos que lutar contra nosso próprio governo para salvar o meio ambiente.

– ANSEL ADAMS

Se as pessoas destroem algo substituível feito pela humanidade, são chamadas de vândalos; se destroem algo insubstituível feito por Deus, são chamadas de desenvolvedores.

– JOSEPH WOOD KRUTCH

Alguém precisa me explicar por que querer água potável faz de você um ativista, e propor destruir a água com guerra química não transforma uma corporação em terrorista.

– WINONA LADUKE

Se um homem passa a metade de cada dia andando nos bosques por amor a eles, corre o risco de ser considerado um vagabundo. Mas se passa os dias como um especulador, cortando árvores e tornando a terra nua antes do tempo, é considerado um cidadão laborioso e empreendedor.

– HENRY DAVID THOREAU

P: Quantos céticos do clima são necessários para trocar uma lâmpada?

R: Nenhum. É muito cedo para dizer se a lâmpada precisa ser trocada.

R: Nenhum. Nós só sabemos enroscar o planeta.

– ANÔNIMO

Já que as raízes de nosso problema são principalmente religiosas, o remédio também deve ser religioso, quer o chamemos assim ou não. Devemos repensar e reavaliar nossa natureza e nosso destino.

– LYNN WHITE JR.

Quanto mais profundamente busco as raízes da crise ambiental global, mais fico convencido de que ela é a manifestação externa de uma crise interior que é, por falta de palavra melhor, espiritual ...

– AL GORE

O primeiro passo para re-imaginar um mundo que deu terrivelmente errado seria parar a aniquilação daqueles que têm uma imaginação diferente – uma imaginação que está fora tanto do capitalismo como do comunismo. Uma imaginação que tem um entendimento totalmente diferente daquilo que constitui felicidade e realização.

– ARUNDHATI ROY

E se o aquecimento global for uma grande farsa e criarmos um mundo melhor por nada?

– PERGUNTA NA CONFERÊNCIA DE MUDANÇA CLIMÁTICA

ESTE ARQUIVO É SOMENTE UMA

AMOSTRA DO LIVRO

para que você conheça um
pouco de seu conteúdo.

VOCÊ PODE ADQUIRIR O LIVRO NO
SITE DA BAMBUAL EDITORA

www.bambuaeditora.com.br/p/ecodarma

Mais informações:

conexao@bambuaeditora.com

+55 21 99648 0604 (whatsapp)